



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**CONFLITOS E DESIGUALDADE SOCIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
ENSINO MÉDIO: O CASO DA E.E.M. DR. BRUNILO JACÓ.**

Discente:

Denilson Feitosa SANCHO¹

Orientador: Igor Monteiro SILVA²

¹ Graduando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Graduado em Humanidades pela mesma instituição.

² Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará(UFC), Brasil.
Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura sociológica em contribuição no campo de estudo da sociologia em educação, focando nas sociabilidades conflitivas e desigualdade social das culturas juvenis na escola pública de Ensino Médio Dr. Brunilo Jacó (EBJ), situada no Município de Redenção-CE, Brasil. Diante disso, construiremos este artigo fundamentando-se a partir das metodologias qualitativas: observação participante e grupo focal. A observação participante foi inserida na disciplina do estágio supervisionado I, II e III do 1º ao 3º ano do ensino médio que teve a duração de 1 ano e 6 meses. Conjuntamente alicerçado nas teorias e conceitos de Bourdieu (1998), que fornecem a concepção da escola como reprodutora da desigualdade social, e está diretamente relacionado as sociabilidades na EBJ. A partir das ideias de Althusser (1959), sobre o controle ideológico do sistema educacional do Estado, notou-se no presente estudo a possibilidade de geração de desigualdade social. Analisando o espaço estudado a luz do arcabouço teórico de Charlot (2002), debateu-se as violências e conflitos na escola entre a gestão escolar e juventudes. Os autores acima referenciados, corroboram com as questões que são invisibilizadas e silenciadas, sejam elas: conflitos e desigualdade social na escola pelo discurso hegemônico do sistema educativo estatal, de uma sociedade do bullying heteronormativo, classista, patriarcal, machista, gordofóbica, homofóbica, transfóbica e assim por diante. Contudo observou-se a possibilidade de contextualizar e retratar a Escola Brunilo Jacó, como um espaço que gera muito entusiasmo na transformação da realidade social das culturas juvenis, não como salvadora e nem tão pouco redentora da sociedade que ela está inserida, mas enriquecedora de saberes e de avanços humanísticos significativos para sociedade.

Palavras-chave: Conflitos, desigualdade social, escola.

Abstract: This work aims to make a sociological reading as a contribution in the study area of sociology in education, focusing on conflicting sociabilities and social inequality of youth cultures in the public secondary school Dr. Brunilo Jacó (EBJ), located in the town of Redenção, Ceará state, Brazil. Therefore, we constructed this article based on the qualitative methodologies: participant observation and focal group. The participant observation was inserted in the subject of supervised stage I, II and III at the 1st to 3rd year of high school that lasted for 1 year and 6 months. It was jointly based on the theories and concepts of Bourdieu (1998), which provide the conception of the school as a reproducer of social inequality, and is directly related to sociabilities in EBJ. Also from ideas of Althusser (1959), considering the ideological control of the educational system of the State, when it was noted at the present study a possibility of generating social inequality. Analyzing the space studied in light of the theoretical framework of Charlot (2002), it was discussed the violence and conflicts in school between school management and its youth. The mentioned authors corroborate the issues of invisibilized and silencing through conflicts and social inequality at school as considering the hegemonic discourse of the state educational system on a heteronormative, classist, patriarchal, chauvinist, slimmness-centered, homophobic, transfobic, bullying society and so on. However, it was possible to contextualize and portray the Brunilo Jacó School, as a space that generates a lot of enthusiasm in the transformation of the social reality of youth cultures, not as a savior and not as redemptive of the society it is inserted, but enriching knowledge and significant humanistic advances to societ.

Keywords: Conflicts, social inequality, school.

1. A ESCOLA COMO ESPAÇO SÓCIO-CULTURAL

Este artigo visa discutir a temática da desigualdade social no ensino médio no estado de Ceará, Brasil, centrando a nossa discussão no caso específico da escola estadual Dr. Brunilo Jacó (EBJ), situada na cidade de Redenção, CE. Esta pesquisa aconteceu enquanto realizava os estágios supervisionados I, II e III, para assim cumprir a carga horária obrigatória da licenciatura em Sociologia (UNILAB). Nas minhas idas e vindas a escola, das constantes observações e contatos com os estudantes da escola, surge uma ideia, fazer uma análise mais aprofundada sobre os aspectos que norteiam as suas sociabilidades no espaço escolar.

Diante do exposto, verificaremos os possíveis conflitos e se eles estão interligados diretamente com a desigualdade social na escola, procurando entender como estes conflitos afetam a comunidade escolar e qual a opinião dos estudantes desta escola sobre a atuação do Estado como ente gestor e provedor da política educacional estabelecida da escola Ensino Médio Dr. Brunilo Jacó.

Como pesquisador iniciante deste tema educação, aproveitei todas as minhas inserções no âmbito escolar construindo assim observação participante nos estágios supervisionados I, II e III e construindo um grupo focal com estudante do 1º ano ao e 3º ano, para assim puder trazer e principalmente analisar as impressões dos estudantes e os seus discernimentos sobre os dilemas vivenciados na Escola Brunilo Jacó. Tragtenberg (1985), sublinha,

Isto não é novidade. O que interessa é conhecer como as relações se processam e qual pano de fundo de idéias (sic) e conceitos que permitem que elas se realizem de fato[...] na escola, ser observado, olhado, contado detalhadamente é um meio de controle, de dominação, um método para documentar individualidades. (...) Conhecer a alma, a individualidade, a consciência e o comportamento dos alunos. (TRAGTENBERG, 1985, p.88).

Portanto, como bacharel em humanidades e estudante formando na licenciatura em Sociologia. Uma primeira questão que chamou minha atenção foi a análise do discurso proferido pela escola e sua gestão a respeito da influência estatal nas sociabilidades ali vivenciadas pelas juventudes que de maneira sistemática e recorrente presenciam confrontos e violências entre os grupos na escola, que vivenciam opressões perpetradas pelo sistema educacional hegemônico. Como tem descrito PPP (Projeto Político

Pedagógico)³ (2017), a visão da escola com as violências fora e assim a sua reprodução dentro da escola,

Ao mesmo tempo em que a escola é formadora dos indivíduos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, é também o reflexo das relações e dos conflitos vividos pelos estudantes em seus grupos sociais diversos, família e amigos por exemplo. (...) encontramos um índice elevado de estudantes em situação de vulnerabilidade social, e que recebem ou já receberam algum benefício do governo federal, como bolsa família. O fenômeno da criminalidade cada vez mais presente na realidade dos jovens do interior acabam também forjando em nossos alunos um perfil psicológico e pragmático em relação aos acontecimentos em suas comunidades, observamos cada vez mais o caráter comum e normal que os alunos atribuem a violência e ao crime. (PPP, 2017).

Primeiramente, irei situar que este espaço de sociabilidades e a suas próprias dinâmicas, é um lugar de profundas contradições sociais e suas consequências diárias impactam diretamente a todos os agentes sociais inseridos neste espaço. Bourdieu (2008), reitera que,

Para compreender o que se passa em lugares que, como os “conjuntos habitacionais” ou os “grandes conjuntos”, e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. (BOURDIEU, 2008, p.11).

Antes de adentrar a instituição da escola em seu prédio, no primeiro dia que estive na instituição, lá estava eu, na entrada da escola observando a entrada dos estudantes e dos funcionários, vendo entre os agentes sociais e suas disposições. Na entrada da escola existe uma obrigatoriedade do uso de um uniforme padrão para os estudantes e também no calçado, para os professores há uma flexibilidade com o vestuário, não é exigido a farda, mas ainda segue com o mesmo padrão dos estudantes, sendo obrigatório o uso de uma roupa com manga e calça para todos, inclusive para mulheres, o porteiro logo adverte a todos e fiscaliza para saber se todos estão vestidos adequadamente para entrarem na escola, existe uma exceção para os estudantes que irão para a aula de educação física, pois as vestimentas precisam se adequar as necessidade das suas atividades físicas, logo assim também alguns dos estudantes não tem condições de ter um tênis para essas práticas.

³ O Projeto Político Pedagógico do EBJ, é um documento que norteia todas as políticas educacionais, econômicas e financeiras do panorama escolar brasileiro, baseado no sistema educacional estadual do Ceará, compete a ele reger tudo que será estabelecido num determinado espaço-tempo.

Reconhecendo que o espaço escolar da Brunilo Jacó e suas micro sociabilidades é interdependente as macro sociabilidades da sociedade que está ao seu em torno, as conjunturas sociais mais amplas que afetam diretamente na própria estrutura da escola na forma de ver as suas relações do cotidiano, ou seja, tudo aquilo que é vivenciado na escola está contingenciado.

1.1- As múltiplas sociabilidades na escola

Verificaremos as múltiplas realidades desses sujeitos sociais e dar ressonância a essas sociabilidades juvenis, para que assim possamos conhecê-las e compreender as acepções e os significantes dos sujeitos que ali estão situados nas suas pluralidades e conseqüentemente revelando os seus desafios de convivência com inúmeros traumas, angustias, preconceitos, estigmas e estereótipos e a miséria produzida pelas desigualdades sociais disfarçadas e reproduzidas no espaço escolar,

Considerando, então, que a escola constitui uma das principais agências socializadoras nas sociedades contemporâneas, o objetivo aqui traçado foi o de compreender, a partir do ponto de vista dos sujeitos, como se configuram as interações sociais vivenciadas cotidianamente nesse palco, principal local de convívio entre os adolescentes, ambiente de múltiplas relações, de comunicação e de troca. (VILLAS,2009, p.18)

Tendo em vista as peculiaridades da Escola Brunilo Jacó em seus conflitos cotidianizados ligados diretamente a desigualdades sociais mediante as suas sociabilidades tensionadas contra o Estado e também entre os grupos das identidades juvenis que constituí nos hábitos de cada dia da escola, nas formas de autoafirmação dos jovens e vamos explorar o que os estudantes pensam sobre isso, queremos saber quais os pontos de vista dos estudantes sobre as suas realidades.

Nesta perspectiva, percebe-se que a EBJ está totalmente sob visões e idealizações do sistema educacional hegemônico estatal, e este próprio modo de operar e gerir vem dos órgãos fomentadores de recursos financeiro mundial, este sistema dita as regras e metas que o Estado tem que alcançar para manter os investimentos na educação, os agentes da administração pública são controlados e manipulados, os gestores escolares precisam obedecer rigorosamente a tudo que for ordenado pelos órgãos superiores a eles.

Roma (2013) vai confirmar isto,

A financeirização da Educação tem como base a constituição de um mercado mundial da educação sob o impulso de organizações internacionais como OMC – Organização Mundial do Comércio, UNESCO, AGS – Acordo Geral sobre o Comércio dos Serviços, Banco Mundial, a Comissão Europeia e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Essas corporações transnacionais detinham trilhões de dólares aplicados em ativos financeiros, superando bancos, segurados e fundos de pensão. (...) Nesse sentido, o capital portador de juros é elemento central para manutenção e expansão da produção capitalista. (...) Essa transferência de recursos sociais para a esfera financeira corrobora para a financeirização das relações sociais e monetarização das políticas sociais. (ROMA,2013, p.07-08)

Neste intuito, abordaremos as questões de sociabilidades conflitivas mais amplas e estruturantes na escola Brunilo Jacó. Poderemos conhecer quais os discursos que são formados exteriormente as micro relações cotidianas da escola e como eles são reproduzidas na escola em vivências compartilhadas e sentidas, estão interligados indiretamente, mas atinge diretamente com as suas ideologias constituindo as mentalidades tanto da gestão escolar no PPP (2017), quanto no pensamento dos jovens e conseqüentemente nas suas famílias e no âmbito da sociedade.

Reconhecer e dar vazão aos conflitos construtivos, isto é, a sociedade desde dos primórdios os seres humanos se desenvolveram as suas habilidades, conhecimentos e capacidades, sejam elas: a habilidade fabril, cognitiva e intelectual no argumento por conta dos conflitos, eles deram vazão a criatividade dos seres humanos para a sua própria sobrevivência, isto é, das sociabilidades vigentes no espaço escolar. Transparecer as tensões que afligem o espaço escolar é desconstruir um olhar unidirecional sobre as problemáticas intrínsecas a ela mesma, ou até mesmo a invisibilidade das questões sociais que são inerentes a realidade escolar permanente.

2. NOTAS DE UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO PESQUISADOR.

A Escola de Ensino Médio Dr. Brunilo Jacó(EBJ), está situada na área urbana no município de Redenção-CE, no endereço Av. Contorno Sul, s/n, órgão mantenedor é o Governo do Estado do Ceará, foi criada pelo decreto N°15.750, de 19 de janeiro no ano de 1983. A escola da rede estadual possui 711 alunos no Ensino Médio e EJA. O EBJ possui acessibilidade para qualquer deficiente físico, tem internet banda larga, quadra de esporte coberta, laboratório de ciências, laboratório de informática, centro de multimeios.

A parte da infraestrutura é regular, apesar de todas as dificuldades orçamentárias que sabemos que a escola pública passa, a gestão da escola tem feito um trabalho digno com toda a abnegação e empenho, tem desenvolvido projetos que coloca a escola em destaque regional e até mesmo em nível estadual, principalmente nas áreas das ciências humanas, como por exemplo a semana da Sociologia, um evento que foi organizada pelo os estagiários do curso de Licenciatura plena de Sociologia, da UNILAB.

Estive na escola Brunilo Jacó para ouvir os estudantes do 1º ao 3º ano, no período da manhã e à tarde, pegando algumas respostas e ouvindo as suas falas, atento as suas experiências que os jovens estudantes estabelecem no cotidiano e suas sociabilidades, abrimos ao diálogo descontraindo em dois grupos focais, nos turnos da manhã e outro à tarde, as perguntas eram abertas e construídas juntamente com os estudantes, nesse bate papo eles respondiam verbalmente e também escrevendo discursivamente conforme o que compreendiam das suas realidades, o tema das perguntas estava relacionada as suas experiencias e vivencias do dia-dia na escola, esta é uma tentativa de fazer as conexões necessárias da convivência dos indivíduos ao espaço coletivo e suas sociabilidades.

As perguntas eram direcionadas a um específico grupo de 12 pessoas ao todo, que são as juventudes estudantil da escola, metade sexo feminino e a outra metade masculino, de todo município, para desnudar as próprias vozes e percepções deles como protagonistas. Como vai falar sobre o grupo focal Gomes (2005),

(...) propusemo-nos como desafio refletir sobre uma técnica que recolha de dados que, em primeiro lugar, ultrapassa os limites da discussão sobre qualidade e quantidade no tratamento desses dados; em segundo, por que apoiada em pressupostos que vão da antropologia ao marketing, permite fazer aflorar as diversas dimensões e visão de diferentes indivíduos a respeito de um tema definido dentro de um grupo. Estamos nos referindo ao “grupo focal” (GOMES, 2005, p. 279).

Como este trabalho é um estudo para conhecer, descrever, analisar, esmiuçar os pormenores, aquilo que está na mentalidade dos agentes sociais, estruturalmente naturalizado nas suas relações de sociabilidades que passa despercebido ao senso comum, me insiro com a observação participante, para realmente observar. Como vai definir Minayo (2007),

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica

esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (MINAYO, 2013, p. 70).

Para que assim seja enfatizado seus conflitos de sociabilidades, não poderíamos deixar os estudantes de fora, as juventudes se expressarem seus pensamentos, suas ideias e mostram quais realmente são as suas vivências de individualização e coletivização na escola e como eles próprios se percebem como jovens neste espaço educacional. Com isso Wautier (2013), aponta,

Ademais, as experiência social moderna é caracterizada, segundo Dubet, não só pela diversidade das lógicas de ação, mas também pela exigência de individualização, em contraposição à homogeneidade funcional das condutas. Na pobreza, injustiça, exclusão social, violência e abandono institucional, que têm no Brasil um peso maior no cotidiano, a questão não seria só a reivindicação de individualização por parte dos atores, mas das condições de surgimentos e desenvolvimentos da reflexividade, da capacidade de distanciamento crítico como fundamento da subjetivação. (WAUTIER, 2013, p. 203-204).

Portanto como a pesquisa em educação é um campo ainda a ser descoberto por mim, estarei dissecando todas as possibilidades sobre o tema que acabe neste artigo, considerando que o fazer científico do sociólogo é uma espécie de artesanato das complexidades das relações sociais imbricadas pelo direcionamento teórico, levando em conta a restrição de tempo e espaço, sempre atentando de que os próprios agentes do campo de pesquisa têm à sua maneira de expressar, de evitar falar com o pesquisador, não dar acesso a algumas reuniões decisórias por parte da gestão escolar, no entanto, irei apurar e descrever durante este trabalho algumas situações de ausências e silêncios.

3. OS CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR: O PONTO DE VISTA DOS ESTUDANTES.

Nesta perspectiva iremos também fundamentar este artigo principalmente como os estudantes vê o seu próprio lugar como agentes sociais de voz em suas sociabilidades na escola, seja com a politização de suas posições ou mesmo a apatia em suas vivências diárias, na concepção deles como é que eles vivenciam entre si a cotidianização das diferenças e se eles percebem a diversidade conflituosa, o que há de tensão entre eles e o Estado, representado pela gestão escolar com as suas normas e regras vigentes no espaço escolar, como é que os estudantes nas suas perspectivas compartilham ou se repelem as micro relações de poder dentro desta escola.

3.1 - Regras, normas e a indisciplina estudantil

Verifica-se a existência de regras e normas que regem a conduta de todos nesta escola Brunilo Jacó, desde indumentários, dado que que é compulsório os estudantes no seu turno de aula tem que estarem fardados e com o tênis totalmente preto, é um dever igualmente de todos os funcionários da gestão e de quem porventura faz alguma prestação de qualquer serviço e até mesmo de quem estagia na escola Brunilo Jacó, considerando também a existência da regra do mapeamento em sala de aula, onde a coordenação pedagógica e direção da escola com os professores diretores de turma escolhem o lugar previamente onde os estudantes vão passar o ano todo na sala de aula, por último, reconheceu-se a vigência da regra da letra que se aplica quando o estudante causa alguma indisciplina na escola, ela é gradual e dependendo da infração as normas da escola pode causar uma expulsão da escola. Diante disso, colocou-se a seguinte indagação: Como é a participação estudantil na criação de normas e regras na Escola Brunilo Jacó?

Eles foram unânimes em afirmar que não houve nenhuma participação dos estudantes na elaboração dessas regras e normas, e que somente é repassado pelos líderes de cada sala todo ano uma lista explicando as regras e suas penalizações. Quando foram perguntados sobre as suas opiniões com relação a regra do mapeamento de sala? Algumas falas expressaram o seguinte: “Quero que mude tudo”, “Por que muitas vezes é injusto”.

Isso nos remete a pensar na forma como Estado elabora a sua gestão escolar e como a comunidade escolar participa desta construção. O Estado negligencia as experiências e as perspectivas de vida dos estudantes, todo o conhecimento que eles têm e suas vivências compartilhadas, tudo aquilo que eles têm para contribuir para o desenvolvimento de uma boa convivência social na escola, traz as regras unilateralmente e intervém cobrando o cumprimento total das regras e normas vigentes, mas não discutidas e analisadas pelos sujeitos sociais no espaço escolar. Por isso que Althusser (1959), vai falar desta ideologia do Estado,

Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da

«prática» desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão (...) Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia) embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção, etc., não só os seus oficiais, mas as suas ovelhas. Assim a Família.(ALTHUSSER,1959, p.22-47).

3.2 - A participação estudantil nas políticas internas da escola

Nestas perguntas aos estudantes, fomos ao assunto de como é a participação estudantil na escola Brunilo Jacó nas demais tomadas de decisões quotidiana. Teve o estudante A, diz que a sistemática é o seguinte: “Há uma representação estudantil, que reivindica e as vezes é atendida”. O estudante B, afirma com contundência que : “Agora na questão estrutural da escola não é colocada em discussão, por exemplo uma reforma na escola, como isso será definido, não temos voz decisória” Com estes depoimentos percebemos que a escola é uma disputa no espaço de poder político constante, e o Estado além de restringir este poder, transparece que há um certo dialogo, mas não é o qualifica, para que tenha peso determinante nas tomadas de decisão que seja por todos os agentes sociais que serão diretamente afetados por qualquer que seja esta políticas públicas. O diálogo com os estudantes serve para cumprir as formalidades de relatório emitidas pela gestão escolar ao Estado, para manter o sistema educacional “democrático” enquanto isso as decisões que serão ditadas por toda uma hierarquia permanentemente verticalizada estatal e pressões dos setores financeiro mundial. Os estudantes são do sexo masculino e feminino, de todo o município Redenção e outros municípios que escola atende, foram escolhidos tanto por conta da diversidade de falas, posicionamentos e propriedade das realidades que se vive no quotidiano, como por conta da multiplicidade de perspectivas acerca das perguntas a serem respondidos pelos os próprios indivíduos que vive o protagonismo no dia-a-dia no âmbito escolar.

Continuamos e fomos esmiuçando nas questões das regras e normas que são norteadoras e diretamente influenciando e conseqüentemente trazendo conflitos que vão sendo visto no cotidiano nas sociabilidades vigentes entre os agentes sociais na escola Brunilo Jacó, Alguns falaram assim: como por exemplo a norma do mapeamento da sala, o estudante C diz:“ Odeio, acho desnecessário” questão do vestuário e calçados para entrar na escola, o estudante D, afirma que:“ Foi muito constrangedor pois fui tratado com muita ignorância” fator punitivista quanto a aplicação de letras, o estudante E

saliente: “Por um lado é bom por conta das pessoas que atrapalham ameniza mais, mas em relação em pessoas não se darem bem com outras atrapalha um pouco” no momento estudante transgrede as normas que é estabelecida pela escola. O estudante F confirma que: “Uma boa regra e forma de alertar o aluno sobre as punições que iram ocorrer se ele não respeitar as regras” Até teve o estudante G que disse assim: “Não, quero que mude tudo”.

Portanto podemos pensar a partir do exposto que para os estudantes, pensar na manutenção de um posicionamento de que escola ainda é o lugar que o Estado deposita pessoas, controla os indivíduos, adjectiva os estudantes e não compreende a história de vida e suas complexidades de cada um, com um grau diferente nas singularidades e visões de mundo diversas destas culturas juvenis. Há uma homogeneização e um sistema único punitivista com o estudante, que criminaliza, adverte, separa, pressiona nas suas sociabilidades, assemelhando a uma prisão no regime semiaberto, onde ora o estudante está sobre a vigilância, sistematicamente regulamentado pelo Estado com o braço opressor da gestão escolar e não está a “vadiar” por aí, ora o estudante está em casa fazendo alguma tarefa doméstica e nas redes sociais.

Analizando a questão da ocupação dos estudantes nas atividades extracurriculares na região do Maciço Baturité, SILVA, et al (2017), nos subsidiariam com os dados que apresentaremos no gráfico a seguir.

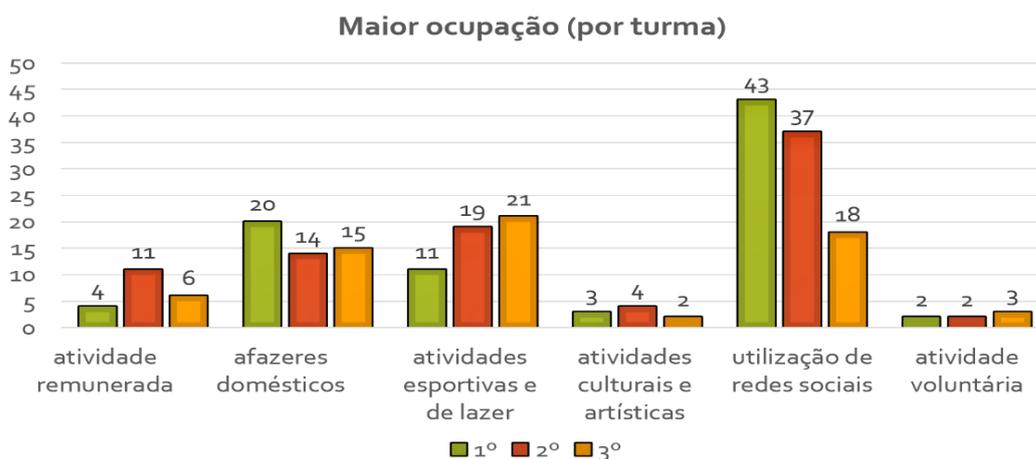


Gráfico ilustrando ocupação dos estudantes fora de sala de aula.

Verificando essas informações, precisamos urgentemente analisar todos os aspectos que leva os estudantes fazerem estes tipos de atividade que tomam a maioria do seu tempo, inclusive como está posto na resposta que os estudantes ficam nas redes

sociais. É neste propósito em saber qual é o perfil dos estudantes que Silva et al (2017), vai afirmar,

Considera-se que os desafios de uma educação inclusiva, sobre a qualidade e o acesso à educação, apresentam a necessidade de abrangência necessária das políticas escolares sobre as vulnerabilidades que atendam outras necessidades estudantis além de conhecimentos formais e que o ensino de sociologia no Maciço do Baturité deve ser pensado a partir dessa contextualidades olhando para as generalidades e diversidades, com a maioria dos jovens, mas também para suas especificidades. (SILVA et. al ,2017).

3.3 - Dificuldades financeiras

As dificuldades financeiras implicam desafios aos jovens e suas vulnerabilidades socioeconômicas são fundamentais para compreendermos as realidades onde os mesmos estão inseridos, as perspectivas para a vida, seus anseios e suas esperanças e desesperanças. Considerando essa assertiva, questionou-se o seguinte: Você já viu um colega seu com um modelo de celular, comendo algum alimento ou usando alguma moletom e calçado que você queria ter igual, mas não tem condições financeiras para comprar?

Quando abordamos este assunto, as respostas são semelhantes “Sim, trabalho em casa, muito sofrimento” “Eu faço bolsas para ter dinheiro e pelos meus gastos” e “Eu trabalho”. Quando pergunto sobre os bens de consumo que os seus colegas compram e se eles queriam ter o mesmo bem material, fica mais explícito ainda a desigualdade social nas relações que eles vivem. “Sim, uma amiga minha comprou um celular aí todos nós queremos este celular e o seu modelo” “Sim, um calçado” “Sim, fiquei na vontade”. Esses relatos representam uma sociedade que está imersa e diretamente ligada a forma de sociabilidades regida pelo ter bens de consumo, assim os jovens no sistema capitalista para se auto afirmar nos grupos, precisa ter os mesmos bens de consumo daquele grupo, deve encontrar-se calçando o mesmo calçado, a mesma roupa e assim por diante.

3.4 - Questão territorial

No que diz respeito a questão territorial, perguntou-se o seguinte: você que mora na zona rural ou mora distante da escola já chegou atrasado e assim ficou sem assistir a aula por que foi barrado? Eles apontaram que realmente este fator influência na formação das sociabilidades na escola, dentre as respostas dos estudantes que evidenciam isso,

destacam-se: “Sempre, por morar no sitio” “Sim, as vezes perco o ônibus. Foi tenso” “Sim, pois tive que voltar para casa”.

O que eles contam é que morar no sitio ou afastado da escola seja em bairros periféricos das cidades, marca o indivíduo, coloca o estigma social nele, inviabiliza as sociabilidades vivenciadas na escola e isso é levado em conta no rendimento escolar, na participação na sala de aula e em projetos no contra turno na escola, por exemplo a semana da sociologia, na inserção em grupos sociais, são preconceitos que ditam quem é inferior e superior na escola. Chegando no final das perguntas no grupo focal. Gomes (2005), vai trazer uma definição de grupo focal,

O grupo focal (*focus group*) é uma técnica qualitativa de coletas de dados, originalmente proposta pelo sociólogo estadunidense Robert Merton (1910-2013), com a finalidade de obter repostas de grupos a textos, filmes e questões. (...) A finalidade principal dessa modalidade de pesquisa é extrair das atitudes e respostas dos participantes de grupos sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento. (GOMES, 2005, p.279).

Essa metodologia foi escolhida por que precisaríamos ouvir o posicionamento de fala dos respectivos indivíduos que estão constituindo e influenciando determinado grupo, referente a um tempo e espaço, saber como se dar as sociabilidades com as juventudes estudantil no Brunilo Jacó. Indago sobre o tema das diversidades de classe social, gênero, territorial e na formação de grupos e as suas afetações nas sociabilidades na escola no dia-dia da escola, e eles respondem assim “Sim, sempre me humilham” “Sim, todo dia, pelo meu jeito social e pelos meus gostos” “Todo dia. Fico na depressão. Por que tenho o cabelo ruim.”. A questão do preconceito e racismo, étnico, classe social, gêneros e sexualidades, ainda é invisibilizada e não debatido transversalmente e interseccionalmente, seja em qual for o espaço e tempo na escola, uma das consequências mais perversas e da não discursão, do não dialogo é a violência simbólica, física e moral, a opressão constante e a exclusão total dos segmentos da sociedade que estão na escola, mas não são levados a sério, são silenciados na escola pelo discurso hegemônico, de uma sociedade do bullying heteronormativo, classista, patriarcal, machista, gordofóbico, homofóbica, transfóbica e assim por diante.

4. CONFLITOS DE DIA A DIA DOS ESTUDANTES

Enquanto os estudantes são ignorados e diminuídos por não serem ouvidos, sobre este tema, as suas opiniões e argumentações não importa e consequentemente as ordens

não se adequa a realidades ética praticada pela juventudes que ali estão, as escolhas não passam pelo processo democrático de debate na escola, entre os estudantes, núcleo gestor e a sociedade ao seu redor, para que eles assim, possam ter autonomia e tomarem as decisões das suas próprias realidades que afeta diretamente os seus dias no cotidiano das relações que eles os agentes sociais estão sendo inseridos, não existe outra alternativa a não ser acatar a norma unilateral ditadas pela secretaria estadual de educação.

Os estudantes se veem preso a um sistema econômico do consumismo perverso, logo uma minoria tem acesso a bens materiais que a maioria não tem, como a obrigatoriedade do tênis preto e do custo do fardamento, ainda tem mais o terno da educação física que é obrigatório no currículo escolar, essas e outras. O fardamento remente as fabricas e toda a linha produtiva que cada funcionário executa tecnicamente sua obrigação, nessa lógica coloca-se os estudantes na direção de que ele tem obrigatoriamente em passar pelo processo alienante fabril e alimentar o chão da fábrica com a sua mão de obra barata, o ciclo que hoje existe, com os trabalhadores daqui de Redenção que vão todos os dias para as fabricas em Maracanaú trabalhar, e a tendência é desse sistema ser retroalimentado por esta geração.

4.1 - A escola e seus conflitos cotidianos

Também tive a oportunidade de vir no ônibus para escola com os estudantes provenientes da zona rural de Redenção, quando estava no ônibus pude observar logo adentrar o ônibus, o olhar de superioridade dos estudantes que moram na zona urbana referente aos da zona rural, mesmo ela usufruindo a mesma política pública de transporte escolar e sendo da mesma classe social e isto fica mais evidente dentro da sala de aula no nível de participação, os estudantes que moram na zona rural, eles são nitidamente rechaçado socialmente por alguns colegas que moram na cidade, esse é o efeito da segregação social entre grupos que constatei, naquilo que não é nítido e que se torna algo preocupante, pois estes agentes sociais que são invisibilizados em sala de aula, tem o seu rendimento prejudicado, pelos que provocam o achincalhamento e assim abre-se um conflito entre os jovens que tem maior conhecimento da matéria, que teve na sua família uma instrução cognitiva mais consistente e tem acesso diferenciado a diversas culturas por que mora na cidade, se acham superiores e dizem ser inteligentes contra os que são da zona rural que são julgados por não terem o nível de conhecimento e estão inaptos a participar na aula. Por exemplo, quando o estudante da zona rural quer participar e fazer

um trabalho da maioria dos grupos ele é excluído, ele é subalternizado e rebaixado o nível por muitas chegar atrasado em sala de aula por os professores entre próprios seus colegas.

Os conflitos que acontecem na escola Brunilo Jacó são tensões de sociabilidades permeadas e diretamente correlacionadas por uma sociedade submergida na desigualdade social, desenfreada e constante que se aglomera mediante a uma sistemática luta do Estado contra o indivíduo na escola, especificamente os estudantes e suas realidades de ordem econômica, cultural e social.

Portanto, assegurar a manutenção da gritante desigualdade e dos privilégios na educação, por exemplo, é algo que “se deve buscar indiretamente, garantindo amplos recursos para a subsistência da parte do sistema que atende à oligarquia, deixando, ao mesmo tempo, faminta a parte que atende às classes baixas e aos trabalhadores. (...) Assim é possível sustentar a mitologia da igualdade – pelo menos na forma da proclamada “igualdade de oportunidades” – e perpetuar seu oposto diametral na ordem vigente sob o domínio do capital. (MESZÁROS, 2011, p.274).

O momento que mais nos faz refletir e nos provoca, foi quando o professor de Sociologia, foi conversar com o estudante e falar da situação crítica peculiar do estudante, levando em conta a situação socioeconômico que está afetando diretamente, no rendimento do mesmo na escola. Quando eu vi o professor mandando uma pessoa comprar um caderno para o estudante, isso me fez pensar e analisar o quanto a nossa sociedade é desigual na sua estrutura, e isso eu falo do sistema capitalista e todas as suas consequências que são reproduzidas na escola.

A família deste estudante não tem as condições básicas para que ele possa permanecer na escola, neste momento o professor percebeu a situação frágil e todos os fatores que o mesmo estava vivendo. Precisamos compreender esta complexidade deste sistema na educação e tomar uma posição de quebra de paradigma também na educação bancária, pois, este formato só fortalece a retroalimentação do mesmo e a reprodução do sistema. Bourdieu e Passeron (2009), vai fazer esta análise do sistema educacional que reproduz, um desafio que a sociedade era para abraçar e construir novas possibilidades, na relação educação e capital cultural.

Todo o sistema de ensino institucionalizado produz e reproduz um arbítrio cultural de que ele não é o produtor e cuja reprodução contribui para a reprodução das relações entre grupos ou classes. Esta instituição é uma produtora de habitus, ao mesmo tempo que desconhece a origem dos mesmos, assim como as condições da sua reprodução.

Na entrada da escola existe uma obrigatoriedade do uso de um uniforme padrão para os estudantes e também no calçado, para os professores há uma flexibilidade com o vestuário, não é exigido a farda, mas ainda segue com o mesmo padrão dos estudantes, sendo obrigatório o uso de uma roupa com manga e calça para todos, inclusive para mulheres, o porteiro logo adverte a todos e fiscaliza para saber se todos estão vestidos adequadamente para entrarem na escola, existe uma exceção para os estudantes que irão para a aula de educação física, pois as vestimentas precisam se adequar as necessidade das suas atividades físicas, logo assim também alguns dos estudantes não tem condições de ter um tênis para essas práticas. Quem vai tratar disso é Michel Foucault, no seu livro Vigiar e Punir (1997).

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...]. Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (FOUCAULT,1997)

4.2 Disciplina e reprodução na escola

A escola pública até mesmo no Brunilo Jacó vive controlada por números e dados que são os vetores de parâmetros para o incremento de políticas públicas , estes números e dados também reflete principalmente na vida de quem é socialmente vulnerável, o estudante tem ter sua permanência monitorada na chamada feita pelo professor no sistema online diretamente a base de dados do estado para receber o benefício do governo, neste processo a manipulação do controle que estado proporciona se transforma numa violência simbólica classista direta contra esses indivíduos que estão socialmente vulneráveis e possivelmente são oprimidos por esta pressão que os condiciona, os estudantes se transformam em simplesmente números para que o próprio sistema capitalista mais tarde os leve a crer que estão na escola simplesmente para se preparar para o mercado de trabalho.

A educação está marcada pelas imposições do mercado e ascensões do capitalismo estreitamente global, de tal forma, que novos enunciados vão emergindo no cenário das políticas públicas, destacando-se, dentre eles a sociedade de aprendizagem, economia baseada no conhecimento, impregnado nas políticas educativas sob o império das políticas econômicas. Nesse sentido, há de se pensar se as políticas locais convergem para uma política de consenso ou as políticas difundidas e impostas como “epidemias políticas” mascaram a falta de debates sobre os princípios educativos (BALL, 2001).

Há uma desumanização com os estudantes e eles se transformam apenas em números que consta nas estáticas dos grandes órgãos financiadores da educação pública brasileira, como por exemplo o BID (Banco Internacional do Desenvolvimento), tudo é monitorado em auditorias que são relatadas em relatórios e a partir disso os estudantes passam pelo processo de monetarização de suas vidas, todas as decisões são tomadas a partir de avaliações e prognósticos do sistema financeiro mundial, as políticas públicas de educação não são o reflexo da realidade social de cada espaço escolar. Como Roma (2013), vai tratar,

Trata-se de conceber uma educação voltada para atender as demandas do mercado e ser instrumento de controle social, a partir do momento que possibilita a formação de consenso no modo de produção capitalista. E nesse aspecto, ao abordar a temática da Educação, se faz necessário resgatar a relação de duas categorias indissociáveis: educação e trabalho, considerando nesse processo seus fundamentos histórico-ontológicos. (...) A Educação no sistema capitalista é uma mercadoria, sofre um processo de fetichização, em vez de instrumento da emancipação humana, passa a ser mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema. (ROMA, 2013).

A escola pública infelizmente está presa há um sistema capitalista que retroalimenta e privilegia a reprodução de classe alta, isto é, a escola está imbricada totalmente nas relações sociais que acontece em sociedade, mas tem suas próprias especificidade, como por exemplo, a hostilidade que é naturalizada dentro da escola, como forma de diferenciar os grupos no espaço e também isso reflete em processos de disputa de território e assim percebemos entre os jovens que há uma busca de auto afirmação identitária, são separados em alguns tipos ideologicamente construídos nas relações sociais cotidianas na escola, por exemplo o processo de disputa entre os estudantes, é mais descolado e tem o celular de última geração, o jovem para ser aceito em alguma desses grupos, necessariamente tem que ter o mesmo nível de consumo. Entre as aceitabilidade e integrações em grupos e conflitos Lima Filho (2014),

A Sociologia contemporânea não mais aceita a juventude como meramente uma faixa etária, a partir de autores como Abramo (1994), Pais (2003) e Carrano (2000, 2009). Longe disso, a classificação diz respeito a uma série de fenômenos sociais que envolvem trilhas de sociabilidade, adesões a estilos devida, estreitamento de laços em agrupamentos; além da construção de uma “categoria” que pode ser entendida, também, como uma estética particular e não somente como um objeto de consumo. (...) A juventude é hoje uma espécie de mercadoria vendida em clínicas de cirurgia plástica, livros de auto-ajuda(sic) e lojas de departamentos”. (ABRAMO, 1994; PAIS, 2003; CARRANO, 2000, 2009 *apud* LIMA FILHO, 2014, p.105-106).

Em um dia aconteceu algo recorrente na escola que é a violência, seja ela simbólica ou física, está sendo banalizado na relação entre os agentes sociais da escola, uma professora que chegou a coordenação pedagógica relatando que um estudante a desrespeitou em sala de aula, falando que ela era retardada mental. Mediante a este constrangedor acontecimento, podemos refletir como é tratado o professor na sociedade que é refletido dentro da sala de aula. Charlot (2012), afirma que,

É ilusão crer que se possa fazer desaparecer a agressividade e, como consequência, a agressão e o conflito. Aliás, seria desejável, levando-se em conta que a agressividade sublimada é a fonte de condutas socialmente valorizadas (no esporte, arte, nas diversas formas de concorrência) e se o conflito é também um motor da História, como pensava Hegel? A questão é saber quais são as formas de expressão legítimas ou aceitáveis da agressividade e do conflito. (CHARLOT,2002, p.436).

O desrespeito com o professor é um fenômeno social gritante, não se trata mais o professor como uma autoridade competente que está em sala de aula para ensinar e aprender com todos na escola. Este conflito reverbera a direção da escola que também não tem mais vigor e nem sabe lidar com as crises que se repetem nos micros relações de poder cotidianas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta todas as discussões que foram feitas neste trabalho, compreende-se que a escola é em certos casos um aparelho de reprodução ideológica do estado, isto é, a escola ela pode possuir dupla dimensão, partindo dos pressupostos de que a elite que domina o pode usar o sistema educacional para a reprodução da sua própria lógica, porém em outros casos a escola é um campo fértil para potencializar a subversão da camada popular contra a sua própria lógica de sistema educacional dominante.

Contudo, nesta dominação há conflitos, porque quando o Estado usa a escola como seu braço institucional criando regras e normas que não atende as realidades que estão dispostas neste espaço de sociabilidades e quando por exemplo: pretende coercitivamente construir no imaginário da sociedade e na mentalidade estudantil que eles por vestirem uma farda e calçar sapatos iguais são iguais, falseando uma igualdade

inexistente e impossível de se concretizar, isto provoca choques, há tentativa de retirada da subjetividade do estudante que é dos grupos existentes na escola, pois a realidade dos estudantes que compõem a escola é diversa, marcada pela pluralidade socioeconômica, de gênero e etnia.

A escola não deveria ser somente um espaço da falta, porém de mais presença de sociabilidades que quebrassem os paradigmas hegemônicos do sistema que tanto oprime e promove a desigualdade social e pudesse assim destoar-se da conjuntura da sociedade que nos explora. Ela é um espaço viável para o nosso empoderamento e transformação social, com o esforço coletivo desenvolver habilidades humanísticas articuladas com a política inclusiva e integracionista, ou seja, é um ambiente a ser descoberto e colocado em prática as teorias que estudamos na licenciatura em sociologia.

O processo educacional tradicional que todos os estudantes vivenciam nesta escola, ainda não dar de conta destes estamentos vividos em sociedade e aí escola, ao invés de quebrar este paradigma e romper com este ciclo, se faz reprodutora das desigualdades sociais e reafirma com o poder do estado um controle sobre a população nela inserida.

Nesta perspectiva o outro conflito seja na questão disciplinar, quando os estudantes são organizados o mapa da sala de aula, que houve várias mudanças substanciais, pois alguns estavam tendo uma má conduta, por exemplo, conversa em sala de aula, este controle faz com os estudantes possa obedecer e não aprender na sua sociabilidade que é de constante atrito entre os outros que estão na escola.

É a função sociologia perceber e fazer algumas críticas a toda esta violência que estes conflitos produzem na escola, desmistifica-los e desnaturaliza-los e assim podemos também, constatar que esta mesma escola reproduz as mesmas desigualdades da sociedade, aflora manifestações no sistema educacional que reverbera na construção das sociabilidades e desencadeia um ciclo retroalimentado de disfunções sociais com várias nuances de desigualdades, econômicas, culturais e sociais.

Por isso mesmo que sistematicamente podemos traçar essas percepções de realidades conflituosas das juventudes com a escola aqui traçadas e de maneira a contribuir para o desvelamento de possíveis propostas para superarmos ou amenizarmos essas desigualdades latentes neste sistema educacional. É necessário arregaçar as mangas e literalmente trabalhar para que possamos efetivamente criar processos de sociabilidades na escola que sejam propícios para todas as esferas da sociedade.

Não obstante, conquistar os espaços no processo de educação com sociologia na escola, inclusive no ensino médio, constitui um espaço de resistência na escola e é de total importância para formar uma geração que possa pensar autonomamente, que estas juventudes se enriqueça de um repertório que possa ser contextualizado nas suas vivências tanto no âmbito escolar ou em outros espaços de sociabilidades, possam está no processo de desnaturalizar e desmistificar o que já está colocado pela sociedade, e os agentes sociais que estão em campo de pesquisa.

Apesar de todas os conflitos provenientes das desigualdades sociais vivenciadas nas sociabilidades estabelecidas no cotidiano que foi debatido neste trabalho, a escola Dr. Brunilo Jacó tem uma riqueza inestimável, que são as pessoas que a fazem, enfrentando os desafios, desde os investimentos inferiores as outras escolas públicas da região do Maciço de Baturité, ela é uma escola que se movimenta, se dinamiza na sala aula e em atividades complementares com professores e fomenta um pensamento reflexivo, como o lema da escola coloca: “pensar fora da caixa”. Um exemplo é a II Semana de Sociologia que foi criada pelos estagiários da disciplina Estágio Supervisionado I, em que a própria escola incorporou e inseriu no calendário do ano letivo neste ano de 2018, esta semana encaixou justamente da vontade dos estagiários em Sociologia, denominadamente: Denilson Feitosa Sancho, Benvinda Domingos Cambanco, Gessylane da Silva lima, Honorata Dias, Justino da Cunha e a Bruna Soraia Ribeiro Maia com a abertura da gestão da escola e o empenho do professor de Sociologia João Paulo Gomes Freitas.

Desse modo, a escola Brunilo Jacó coopera para uma formação educacional integral que contempla os âmbitos do cognitivo, para o mundo do trabalho, técnica e a tão importante problematização criativa e humanística, dando para o debate e formulações da crítica a partir da vivência entre a teoria e prática, a EBJ é construtora do protagonismo das juventudes e proporciona uma infraestrutura basilar para que seja desenvolvido possíveis novos projetos, como o projeto: O café com Sociologia.

Nesta perspectiva, podemos retratar a escola como um espaço que gera muito entusiasmo na transformação das realidades sociais dos jovens, não como salvadora e nem tão pouco redentora da sociedade, mas enriquecedora de saberes e de avanços significativos na sociedade, tanto no aspecto cultural, quanto no desenvolvimento de habilidades e competência que são utilizadas no cotidiano escolar ou em outros espaços de cada jovem individualmente e nos seus grupos.

No entanto, é hora de estarmos atentos e contumazes, firmes na luta contra aos duros ataques em que a escola vem sofrendo tanto na ordem econômica, com o descaso

do descompromisso de governos que sucateiam o ensino público de qualidade e limitam de maneira ideologicamente conservadora, podendo a liberdade da escola ser o que ela quiser ser , nos diversos contextos sociais que ela está instalada, construindo os alicerces de saberes e compreensões das várias perspectivas de vida, sociabilidades pujantes de vidas das juventudes, compartilhando e recriando-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tr. José de Moura Ramos. Ed. Presença, Lisboa-Portugal, 1959, p.22-47.

BALL, S. J. **Diretrizes políticas globais e relações políticas, locais em educação. Currículo sem Fronteiras**, v.1, n. 2, p. 99-116, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/ball.pdf>>. Acesso em 12 de maio 2018.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola como os sociólogos franceses abordam essa questão**. In. Revista Sociologias, Porto Alegre-RS, ed. 4º, jul-dez de 2002, p.432-443.

BOURDIEU, Pierre et. al. **A Miséria do mundo** com contribuições de A. Accardo et. al. 17. ed.- Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2008, p.458.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Tr. Ana Paula Rosendo, Ed. LUSOSOFIA, Lisboa,2009,p.13.

ESTADO DO CEARA. **Projeto Político Pedagógico Escola Estadual Dr. Brunilo Jacó**. Redenção- CE. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tr. de Raquel Ramallete. 27 ed. Vozes, Petrópolis, 1997.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal**. In. EccoS Revista Científica. vol. 7, núm. 2, São Paulo, julho-dezembro, 2005, p. 279.

LIBANÊO, José Carlos. **Concepções e práticas de organização e gestão da escola: considerações introdutórias para um exame crítico da discussão atual no Brasil**. In: Revista Española de Educación Comparada, Madrid - Espanha. n.13,2007, p.17.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. **Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**. In. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 103-118. Disponível em: <https://bit.ly/2Gt2rV7>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018.

PROGRAMA JOVEM MONITOR/A CULTURAL. **Juventudes e formação: trajetórias, narrativas e poéticas**. Instituto pólis, São Paulo, 2017.Disponível em: <https://bit.ly/2LeBxUn>. Acesso em: 22 de março de 2018.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**, tr. Paulo Cezar Castanheira; Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo : Boitempo, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**.

33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ROMA, Cristiane da Costa Lopes. **Financeirização da política educacional em tempos de neoliberalismo**. In. VI Jornada Internacional de políticas públicas. São Luis- MA, Agosto de 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2IygtLa>. Acesso em: 10 de abril 2018.

SILVA, Antonio Micael P. da *et. al* . **Sociologia e juventudes: ensaio biográfico os perfis das/os estudantes do ensino Médio**. In. III Mostra de Estágio Supervisionado – MESU II; Encontro de Estágios e Práticas Educativas – EESPE Educação e diversidade no contexto contemporâneo, Redenção-CE, dezembro,2017.

TRAGTENBERG, Mauricio, **Relações de poder na escola**, Lua Nova vol.1 no.4 São Paulo, Março, 1985.